



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RUTH RACHOU

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-381

Entrevistado: Ruth Rachou

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Porto Alegre – RS (por telefone)

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 29/01/2014

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 14 minutos e 28 segundos

Páginas Digitadas: 5 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Pilates no Brasil: uma história a partir do relato das pioneiras*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no Pilates; formação como instrutora; prática do Pilates; inserção do Pilates no Brasil; primeiro estúdio; aparelhos; divulgação do trabalho; público praticante; relação da dança e do Pilates.

Porto Alegre, 29 de janeiro de 2014. Entrevista com Ruth Rachou a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C. M. – Queria que a senhora começasse contando como você se aproximou do Pilates.

R. R. – Eu me aproximei do Pilates por uma aluna minha Daniela Stasi que fazia parte da Companhia da Mharta Grahan, mas ela veio aqui me visitar no Brasil, e ela me falou do Pilates, então, eu fui para lá, e fui aprender o Pilates para trazer para cá, foi assim que eu conheci o Pilates. Naturalmente eu fui estudando... Tem literatura sobre isso e eu fui estudando e me aprofundado com o Pilates.

C. M. – Você foi para Nova York?

R. R. – Sim, eu fui para Nova York.

C. M. – Na escola da Mharta Grahan?

R. R. – Não, não o Pilates não foi na escola da Marta Grahan, o Pilates eu fui fazer justamente com o professor Robert Fitzgerald que essa minha aluna indicou, ele tinha um estúdio e eu fui lá estudar com ele.

C. M. – Como era a prática naquela época? As condições para fazer. Lá tinha muitos estúdios? Muita gente conhecia?

R. R. – Aqui?

C. M. – Não, quando você iniciou lá em Nova York.

R. R. – Não, aqui em São Paulo eu não conhecia ninguém, praticamente quem trouxe primeiro fui eu, depois então as pessoas foram saber o que é que era. Agora na Bahia não, na Bahia, Salvador já tinha, já conheciam.

C. M. – Nessa época inicial a senhora lembra mais ou menos quando foi?

R. R. – Eu não lembro exatamente, mas acho que foi nos anos 1990 sabe? Eu trouxe o Pilates para o estúdio em 1993.

C. M. – Quais as tendências que existiam? Já existia essa diferença de tendências na época?

R. R. – Olha lá nos Estados Unidos a muitos, e muitos anos se conheceu o Pilates, porque inclusive o próprio Pilates, o Joseph Pilates ele trouxe da Europa para cá, é uma coisa que ele mesmo elaborou essa forma de fazer ginástica, e ele então, introduziu em Nova York, mas isso foi, olha há *muito* tempo, porque acho que até a própria Isadora Duncan fez aulas com ele, e muitos, muitos bailarinos do “*New York City*” foram lá fazer aula com o Pilates para regular a movimentação muscular.

C. M. – E quando você se formou enquanto instrutora de Pilates, como foi essa formação? Foi com esse professor em Nova York?

R. R. – Foi com esse professor em Nova York, eu fiquei lá um tempo estudando com ele, ele me ensinou tudo, eu comprei os livros, aqui também agora tem livros, mas não é muito... Quer dizer o Pilates já está bem modificado, cada um coloca o seu, então, já está bem modificado daquele Pilates do Joseph Pilates¹ o criador.

C. M. – Isto! Nessa formação lá em Nova York, a senhora lembra se os conhecimentos que eram destacados eram mais em relação à movimentação da prática, ou se tinha o conhecimento como hoje de anatomia, biomecânica, outros conhecimentos?

R. R. – Não, ali era mais a prática do trabalho, claro que cada trabalho foi bem explicado, cada sequencia do trabalho foi bem explicado e anatomicamente, só que não tinha especificamente aulas anatômicas. Mas todo trabalho foi explicado, onde trabalha, que músculo que entra, essas coisas todas, os tendões, as articulações, principalmente, as articulações, o Pilates está muito ligado as articulações todas.

¹ Joseph Hubertus Pilates.

C. M. – E como foi o início do trabalho aqui em São Paulo? Como é que você montou o seu primeiro estúdio?

R. R. – Não, não, eu já tinha um estúdio de dança a bastante tempo e então introduzi no meu estúdio. Eu sempre tinha pessoas fazendo ginástica, então eu introduzi o Pilates para essas pessoas que vinham fazer ginástica.

C. M. – E os aparelhos, acessórios você conseguiu comprar aqui no Brasil?

R. R. – É eu trouxe de Nova York, porque aqui não tinha ainda as camas, aquelas...

C. M. – O *reformer*²?

R. R. – Não era o *reformer*, Eu não sei o nome, era as camas.

C. M. – Sim!

R. R. – Isso eu trouxe de lá, depois as pessoas aqui também já, agora já se faz aqui também. Se fazia na Bahia, mas era difícil arrumar de lá para cá uma dessas camas e depois eu precisava de mais, eu não podia ter só uma, porque eu sempre tinha as classes cheias, então eu trouxe tudo de lá, onze camas.

C. M. – E como é que foi a divulgação inicial desse trabalho, as pessoas já conheciam?

R. R. – Não, em geral não conheciam. Pouquíssima gente conhecia e mesmo as pessoas da dança não conheciam, e então gostaram de fazer, porque era um trabalho importante para o bailarinos. Mesmo lá nos Estados Unidos onde eu fazia as aulas, tinha gente que tinha por exemplo, com [palavra inaudível] tinha gente assim fazendo aulas do meu lado.

C. M. – E você fez essa divulgação? Como foi essa divulgação?

² Aparelho criado por Joseph Pilates e ainda utilizado atualmente.

R. R. – É. Foi através de folheto, mas também foi de boca em boca.

C. M. – Quem praticava no início, foram mais os bailarinos, ou teve algum outro público?

R. R. – Foram, foram bailarinos, gente normal, pessoas que queria se movimentar, e eu tinha bailarinos, ou então eu ia nas companhias e dava aula, por exemplo na Marika Gidali³ eu ia lá para dar aula, e tem uma outra companhia o “Balé da Cidade”⁴ eu ia dar Pilates lá.

C. M. – Você adaptou algo do Pilates, assim da prática? Modificou alguma durante esse tempo?

R. R. – Sempre tem que adaptar, as condições daqui, as condições das pessoas, as possibilidades das pessoas, então, você tem que realmente adaptar, então eu fiz esse trabalho como todo mundo agora está fazendo isso também, agora todo mundo tem, aqui em São Paulo em cada esquina tem um Pilates.

C. M. – Você realiza formação de instrutores, ou participa de alguma formação?

R. R. – Não, não, eu não formo as pessoas, elas veem aqui fazer, eu não dou certificado de formação, isso eu não dou. Não dou porque eu não tenho... Não me interessa chegar a esse ponto sabe? Porque na verdade eu prefiro a dança e o Pilates é mais de fundo.

C. M. – Em relação a dança e o Pilates, foi produtivo essa sua ligação da dança e do Pilates, o que é que contribuiu uma prática para outra, se contribuiu para você?

R. R. – Bom, o que eu acho que os outros bailarinos, todos deviam fazer paralelamente o Pilates. Aqui não acontece isso porque agora que Pilates está tão conhecido e tudo, eu não tenho mais tido gente da dança que venha fazer Pilates comigo, só os da dança moderna da Martha Graham, mas eu acho importante isso porque é um trabalho do corpo que é muito bom para o bailarino como é bom para pessoas leigas.

³ Bailarina e professora nascida na Hungria, mas que desenvolveu seu trabalho em São Paulo.

⁴ Balé da Cidade de São Paulo.

C. M. – Tem alguma coisa para acrescentar que você acha importante registrar?

R. R. – Bom não, do Pilates era isso mesmo, aqui no meu estúdio, e sempre foi assim, o Pilates não é a coisa principal, a principal é dança, aqui agora tudo bem eu dou muito mais aulas de Pilates, mas não é para bailarinos é para leigos.

C. M. – Então está bom, professora, muito obrigada, em nome do Centro de Memória eu agradeço a sua disponibilidade.

[FINAL DA ENTREVISTA]